



## Capítulo 3

### Entre o Estigma e a Cura: A Realidade da Hanseníase em Crianças e Adolescentes no Brasil e o Papel da Saúde Coletiva, Revisão Integrativa<sup>1</sup>


From stigma to cure: the reality of Hansen's disease in children and adolescents in Brazil and the role of public health - Integrative review.

 DOI: 10.29327/5881828.4-4


**Mayara Alves Ros<sup>2</sup>**

 <http://lattes.cnpq.br/8739335092214341>  
Universidade de Brasília, DF, Brasil  
E-mail: mayara98rosa@gmail.com


**Gabriela Soares Costa<sup>3</sup>**

 <http://lattes.cnpq.br/7863418327047330>  
Universidade de Brasília, DF, Brasil  
Email: gabisoares4587@gmail.com

**Maria Inez Montagner<sup>4</sup>**

 <http://lattes.cnpq.br/3503981716868036>  
Universidade de Brasília, DF, Brasil  
Email: inezmontagner@hotmail.com

**Ione Silva Barros<sup>5</sup>**

 <http://lattes.cnpq.br/7134917071420840>  
Instituto Federal de Goiás, GO, Brasil  
Email: ione.barros@ifg.edu.br

### Resumo

A hanseníase em crianças e adolescentes permanece como um desafio de saúde pública no Brasil, revelando a persistência da transmissão ativa e expondo lacunas nos sistemas de diagnóstico, tratamento e atenção integral. Esta revisão integrativa analisou 22 estudos nacionais publicados entre 2004 e 2024, com foco nas dimensões do cuidado integral, educação em saúde, adesão terapêutica, reabilitação, vigilância epidemiológica e estigma social. Os achados evidenciam que o estigma constitui um determinante central, capaz de atrasar o diagnóstico, reduzir a adesão ao tratamento e comprometer a inserção social de crianças e adolescentes. Além disso, demonstram que a atenção integral exige estratégias multiprofissionais, educativas e psicossociais, articuladas ao fortalecimento da Atenção Primária e à vigilância em saúde. A integração da perspectiva da Saúde Coletiva emerge como essencial para superar fragmentações entre cuidado clínico e social, promovendo equidade, vigilância efetiva, mitigação do estigma e políticas públicas inclusivas. Esta revisão contribui ao evidenciar que o enfrentamento da hanseníase nessa faixa etária requer abordagens interdisciplinares e intersetoriais, capazes de assegurar não apenas o controle da doença, mas também o pleno desenvolvimento físico, emocional e social das crianças e adolescentes afetados.

**Palavras-chave:** Hanseníase; Criança; Adolescente; Saúde Coletiva; Atenção Integral; Estigma.

<sup>1</sup> Esse capítulo foi revisado linguisticamente por Miguel Ângelo Montagner.

<sup>2</sup> Graduanda de Saúde Coletiva UnB, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde

<sup>3</sup> Graduanda de Saúde Coletiva UnB, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde

<sup>4</sup> Professora UnB, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde

<sup>5</sup> Professora EBTT do IFG.

**Abstract**

*Leprosy in children and adolescents remains a major public health challenge in Brazil, revealing the persistence of active transmission and exposing gaps in diagnosis, treatment, and comprehensive care systems. This integrative review analyzed 22 national studies published between 2004 and 2024, focusing on dimensions of comprehensive care, health education, treatment adherence, rehabilitation, epidemiological surveillance, and social stigma. Findings highlight stigma as a central determinant, capable of delaying diagnosis, reducing treatment adherence, and compromising the social inclusion of children and adolescents. Furthermore, they demonstrate that comprehensive care requires multiprofessional, educational, and psychosocial strategies, articulated with the strengthening of primary health care and health surveillance. Integrating the perspective of Collective Health emerges as essential to overcome the fragmentation between clinical and social care, promoting equity, effective surveillance, stigma mitigation, and inclusive public policies. This review underscores that tackling leprosy in this age group demands interdisciplinary and intersectoral approaches, ensuring not only disease control but also the physical, emotional, and social well-being of affected children and adolescents.*

**Keywords:** *Leprosy; Child; Adolescent; Collective Health; Comprehensive Care; Stigma.*

**Entre o Invisível e o Urgente: A Hanseníase em Crianças e Adolescentes à Luz da Saúde Coletiva**

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica, de notificação compulsória, causada pelo *Mycobacterium leprae*. Apesar dos avanços no diagnóstico e no tratamento, a enfermidade permanece como um grave problema de saúde pública no Brasil, sobretudo quando acomete crianças e adolescentes. A detecção de casos em menores de 15 anos evidencia a persistência da transmissão ativa do bacilo na comunidade, apontando lacunas nos mecanismos de vigilância, prevenção e controle (Monteiro *et al.*, 2019; Costa *et al.*, 2024).

As consequências da doença nessa população transcendem os impactos físicos, atingindo o desenvolvimento social e psicológico de crianças e adolescentes. O estigma social, associado à pobreza ou a concepções de “castigo”, provoca exclusão, abandono escolar e sofrimento emocional, podendo agravar sequelas físicas permanentes (Vieira *et al.*, 2022). Quando não tratada adequadamente, a hanseníase compromete a autonomia, a inserção social e a qualidade de vida dos jovens acometidos, ampliando as desigualdades em saúde já existentes.

No contexto das políticas públicas, a Estratégia Saúde da Família (ESF) e a Atenção Primária à Saúde (APS) assumem papel central no diagnóstico precoce, no início do tratamento e no acompanhamento contínuo. Entretanto, evidenciam-se fragilidades relevantes, como a insuficiente capacitação dos profissionais para identificar sinais iniciais — manchas hipopigmentadas e sintomas neurológicos leves — e a ausência de protocolos específicos para a população pediátrica (Sousa *et al.*, 2023; Oliveira *et al.*, 2020; Rodrigues *et al.*, 2020).

Diante deste cenário, a Saúde Coletiva oferece uma perspectiva ampliada e essencial, articulando equidade, cuidado integral, vigilância epidemiológica, políticas públicas e estratégias de mitigação do estigma. Sob esta lente, o enfrentamento da hanseníase em crianças e adolescentes não se limita ao tratamento clínico, mas envolve a

integração de ações educativas, apoio psicossocial, inclusão social e redução das desigualdades estruturais que perpetuam o ciclo de vulnerabilidade.

Assim, a lacuna central identificada é a falta de estratégias que articulem de forma coordenada: detecção precoce, tratamento, reabilitação, mitigação do estigma e promoção de equidade. Pouco se discute, de forma sistematizada, como as ações da Saúde Coletiva podem potencializar o cuidado integral e humanizado, superando as fragilidades da atenção primária e respondendo às necessidades complexas de crianças e adolescentes acometidos pela doença.

Este estudo buscou compreender de que forma a Saúde Coletiva, ao articular cuidado integral, promoção da equidade, vigilância epidemiológica e estratégias de redução do estigma, pode oferecer atenção efetiva e transformadora a crianças e adolescentes acometidos por hanseníase. Para tanto, teve como objetivo analisar, à luz da literatura científica, os desafios e as possibilidades do cuidado integral nessa população, considerando as dimensões do diagnóstico, do tratamento, da reabilitação e das repercussões do estigma, bem como o papel catalisador da Saúde Coletiva na superação de vulnerabilidades e barreiras sociais.

De forma mais detalhada, buscou-se investigar as principais dificuldades relacionadas à detecção precoce e à vigilância efetiva, analisar os fatores que influenciam a adesão ao tratamento e à reabilitação, explorar estratégias educativas e de mitigação do estigma e discutir como ações integradas de Saúde Coletiva podem potencializar a equidade e a promoção de um cuidado integral verdadeiramente humanizado e contextualizado às necessidades das crianças e adolescentes acometidos pela doença.

## 2. A Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo foi reunir e sintetizar as evidências disponíveis sobre o cuidado integral ofertado pela Atenção Básica a crianças e adolescentes acometidos por hanseníase no Brasil. Esse método, por permitir a inclusão de estudos com diferentes abordagens metodológicas, possibilita uma compreensão abrangente do fenômeno (Souza; Silva; Carvalho, 2010; Mendes *et al.*, 2008). O desenvolvimento da revisão seguiu as seis etapas propostas por Mendes *et al.* (2008), iniciando pela identificação do tema e formulação da questão de pesquisa: Como a Saúde Coletiva pode promover cuidado integral e equitativo a crianças e adolescentes com hanseníase, articulando diagnóstico, tratamento, reabilitação e redução do estigma?

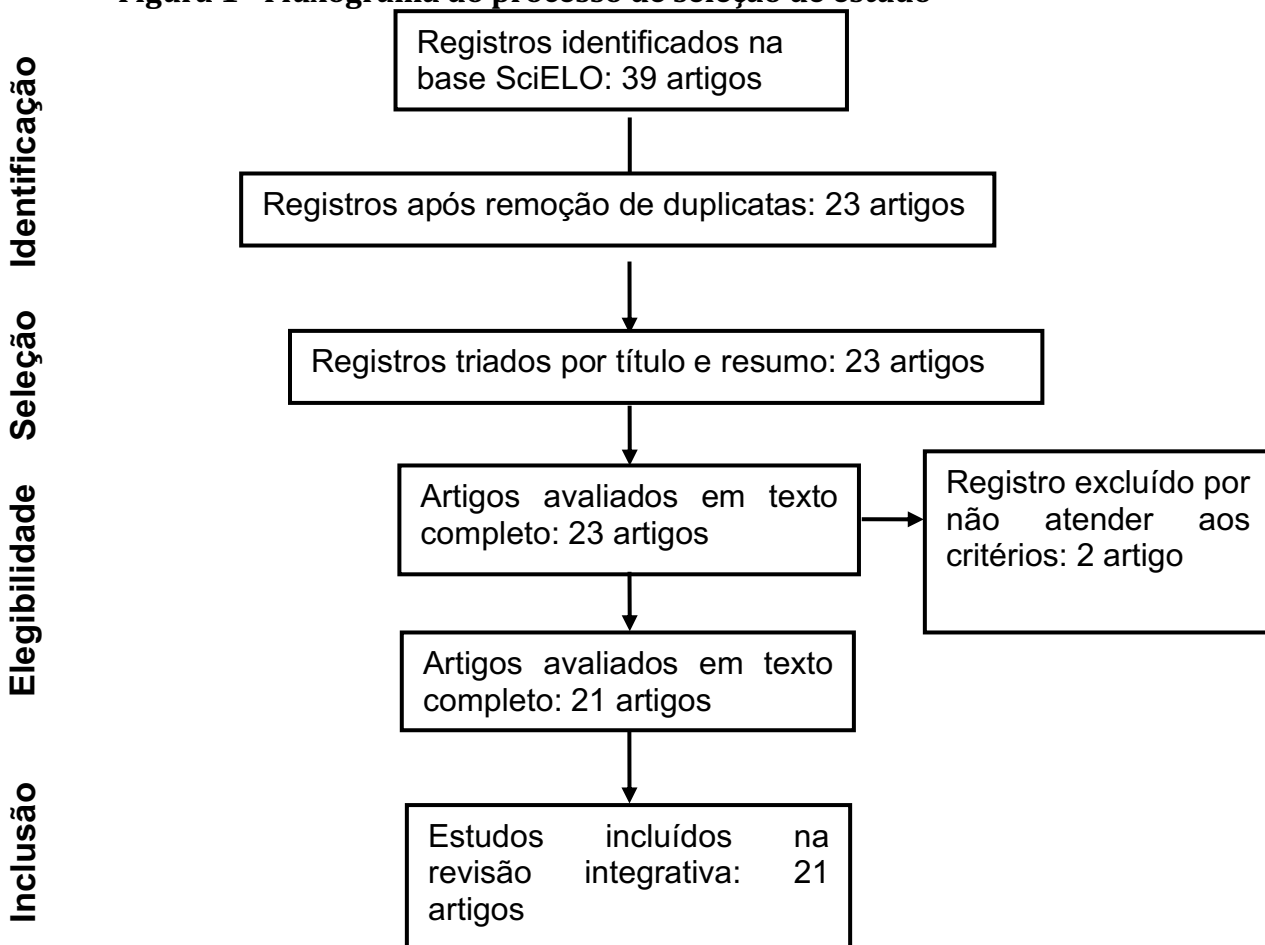
Foram excluídos os estudos que tratavam exclusivamente de aspectos farmacológicos ou laboratoriais da hanseníase, sem relação com o cuidado integral; revisões duplicadas ou sem análise original; artigos de opinião, editoriais e comentários sem fundamentação metodológica; relatos de caso isolados, quando não acompanhados de discussão crítica ou contribuição para as práticas de saúde coletiva; além daqueles que, embora mencionassem crianças e adolescentes, não apresentavam análises específicas para esse grupo etário.

A busca bibliográfica foi conduzida na base de dados SciELO, em agosto de 2025, utilizando os descritores controlados “hanseníase AND criança” e “hanseníase AND adolescentes”, combinados pelo operador booleano AND, e sem a utilização de filtros. Inicialmente, a estratégia resultou em 39 artigos potencialmente elegíveis. Após análise criteriosa de título, resumo e texto completo, 22 estudos foram selecionados para inclusão, atendendo aos critérios previamente definidos. Foram excluídos dezesseis estudos por duplicidade e um por não satisfazer os critérios de elegibilidade, assegurando a consistência e relevância das evidências incorporadas à revisão.

Com base nos artigos apresentados, podemos observar que o total de pesquisadores envolvidos no estudo foi de 75, com uma distribuição considerável de publicações entre eles. Dentre os autores, destacam-se Cortela, Denise C. B.; Ferreira, Silvana M. B. e Freitas, Bruna H. B. M., cada uma com 5 artigos publicados, seguidos por Monteiro, Estela M. L. M.; Monteiro, Lorena D.; Silva, Pâmela R. de S. e Sousa, Gutemberg S., que têm 2 artigos cada. A produção científica foi disseminada em um total de 15 revistas, com a Revista Brasileira de Enfermagem se destacando, pois publicou 4 artigos dos 21 analisados. Além disso, os anos de 2018 e 2019 foram os mais produtivos, evidenciando uma maior intensidade de publicações nesse período específico.

A síntese dos resultados foi organizada de maneira descritiva, buscando não apenas apresentar os achados, mas também evidenciar padrões, convergências e lacunas presentes na literatura analisada. Para tanto, utilizou-se o apoio de quadros e tabelas, que permitiram sistematizar informações sobre autoria, ano, objetivos, metodologia, principais resultados e conclusões de cada estudo. Essa estratégia de apresentação favoreceu a comparação entre diferentes investigações, tornando possível identificar tendências recorrentes, fragilidades metodológicas e contribuições significativas para o campo da Saúde Coletiva, especialmente no que se refere ao cuidado integral de crianças e adolescentes acometidos por hanseníase.

**Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção de estudo**



Fonte: Elaborado pelas autoras, adaptado da recomendação PRISMA (2020).

### 3.Resultados

A revisão integrativa abrangeu artigos publicados entre 2004 e 2024, dos quais 21 foram selecionados após aplicação de critérios de elegibilidade, resultando em evidências consistentes sobre a hanseníase em crianças e adolescentes no Brasil. Observou-se uma intensificação do interesse acadêmico na última década, com maior concentração de publicações entre 2018 e 2024, o que reflete a crescente preocupação com a detecção precoce da doença, a adesão ao tratamento e o enfrentamento do estigma nessa população.

Os estudos foram publicados em periódicos de diferentes áreas, incluindo enfermagem, pediatria, saúde pública, psicologia e terapia ocupacional, evidenciando a abordagem multidisciplinar e a intersecção entre cuidado clínico e saúde coletiva. Quanto à metodologia, os artigos abrangem revisões integrativas, estudos epidemiológicos, pesquisas qualitativas, validação de instrumentos e análise de práticas educativas, demonstrando diversidade metodológica e complementaridade das evidências.

Em termos geográficos, os estudos concentram-se principalmente nas regiões Norte e Nordeste, em estados e municípios hiperendêmicos, como Mato Grosso, Tocantins e Manaus, destacando áreas prioritárias para a vigilância epidemiológica e intervenção em saúde. Tematicamente, a literatura abordou cinco eixos centrais: detecção precoce e diagnóstico na atenção básica, educação em saúde e prevenção, tratamento e acompanhamento multidisciplinar, monitoramento epidemiológico e vigilância, e barreiras psicossociais ao cuidado integral, com destaque para o estigma social, que permeia todas as dimensões do cuidado.

A análise detalhada do Quadro 1 e 2 evidencia que instrumentos de avaliação do conhecimento, tecnologias educativas e estratégias de rastreamento ativo têm se mostrado fundamentais para a melhoria do cuidado integral, enquanto relatos sobre experiências do cotidiano e repercussões psicossociais reforçam a necessidade de políticas sensíveis ao contexto social e emocional das crianças e adolescentes acometidos. Esses achados indicam lacunas importantes, sobretudo quanto à necessidade de estudos longitudinais, abordagem de dimensões culturais e históricas da doença, e avaliação de práticas inovadoras em contextos de vulnerabilidade.

Dessa forma, a produção científica reunida nesta revisão reforça a centralidade da atenção integral, articulando cuidado clínico, suporte psicossocial, educação em saúde e políticas públicas inclusivas, e evidencia a importância de aproximar as estratégias de detecção, prevenção e tratamento da realidade social das crianças e adolescentes. A convergência entre evidências clínicas e sociais aponta para a relevância da Saúde Coletiva como lente analítica e campo de intervenção, permitindo compreender a hanseníase não apenas como fenômeno biomédico, mas como determinante social de saúde que demanda respostas intersetoriais, inclusivas e sustentáveis. Os estudos foram caracterizados segundo autores, ano de publicação, metodologia, principais resultados e conclusões, conforme apresentado no Quadro 1 e 2.

**Quadro 1 – Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa**

Nº	Títulos	Autores	Ano	Revista
1	Validation of an instrument for assessing leprosy care in children and adolescents	Sousa, Gutemberg S.; Mendonça, Isael M. S.; Morita, Lia H. M.; Cortela, Denise C. B.; Silva, Pâmela R. de S.; Ferreira, Silvana M. B.	2024	Revista Brasileira de Enfermagem
2	Primary health care essential and derivative attributes in children and adolescents with leprosy	Sousa, Gutemberg S.; Cardoso, Jaqueline M. S.; Cortela, Denise C. B.; Lanza, Fernanda M.; Silva, Pâmela R. de S.; Ferreira, Silvana M. B.	2023	Texto & Contexto - Enfermagem
3	Hanseníase em menores de 15 anos: caracterização sociodemográfica e clínica dos casos em um município hiperendêmico	Silva, Francisca J. L. de A.; Aquino, Dorlene M. C. de; Monteiro, Estela M. L. M.; Coutinho, Nair P. S.; Corrêa, Rita G. C. F.; Paiva, Maria de F. L.	2022	Cogitare Enfermagem
4	Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase	Vieira, Michelle C. A.; Teixeira, Maria G. L. C.; Silva, Luís A. V.; Mistura, Claudelí; Sarmiento, Sued S.; Mascarenhas, Aline A.	2022	Saúde em Debate
5	Factors associated with leprosy in children contacts of notified adults in an endemic region of Midwest Brazil	Rodrigues, Thaísa S. V.; Gomes, Luciane C.; Cortela, Denise C. B.; Silva, Eliane A.; Silva, Cristiane A. L.; Ferreira, Silvana M. B.	2020	Jornal de Pediatria
6	Practices in the healthcare of children and adolescents with leprosy: the discourse of professionals	Oliveira, Joana D. C. P.; Marinus, Maria W. de L. C.; Monteiro, Estela M. L. M.	2020	Revista Gaúcha de Enfermagem
7	Leprosy educational practices with adolescents: an integrative literature review	Freitas, Bruna H. B. M. de; Silva, Fabiane B. e; Jesus, Jéssica M. F.; Alencastro, Maria A. B.	2019	Revista Brasileira de Enfermagem
8	Validation of Brazilian educational technology for disseminating knowledge on leprosy to adolescents	Feitosa, Mariana C. da R.; Stelko-Pereira, Ana C.; Matos, Karla J. N.	2019	Revista Brasileira de Enfermagem
9	Leprosy: meanings and experiences among adolescents with the disease and their family members	Marinho, Fabiana D.; Avellar, Luziane Z.; Souza, Luiz G. S.; Nardi, Susilene M. T.; Coutinho, Gilma C.	2018	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
10	Tendência da hanseníase em menores de 15 anos no Brasil, 2001-2016	Schneider, Priscila B. F.; Freitas, Bruna H. B. M.	2018	Cadernos de Saúde Pública
11	Hanseníase em menores de quinze anos em municípios prioritários, Mato Grosso, Brasil	Freitas, Bruna H. B. M.; Xavier, Diego R.; Cortela, Denise C. B.; Ferreira, Silvana M. B.	2018	Revista Brasileira de Epidemiologia

12	Validação de instrumento para avaliação do conhecimento de adolescentes sobre hanseníase	Soares, Jacqueline E. F.; Soares, Nathália L. da S.; Freitas, Bruna H. B. M.; Bortolini, Juliano	2018	Acta Paulista de Enfermagem
13	Trend of leprosy in individuals under the age of 15 in Mato Grosso (Brazil), 2001-2013	Freitas, Bruna H. B. M.; Cortela, Denise C. B.; Ferreira, Silvana M. B.	2017	Revista de Saúde Pública
14	Perfil epidemiológico da hanseníase em menores de quinze anos de idade, Manaus (AM), 1998-2005	Imbiriba, Elsia B.; Hurtado-Guerrero, José C.; Garnelo, Luiza; Levino, Antônio; Cunha, Maria da G.; Pedrosa, Valderiza.	2008	Revista de Saúde Pública
15	Hanseníase: a realidade do ser adolescente	Ponte, Keila M. de A.; Ximenes Neto, Francisco R. G.	2005	Revista Brasileira de Enfermagem
16	Leprosy in children under fifteen years of age in the most hyperendemic municipality in Brazil	Costa, Ricardo M.; Menezes, Marcela S.; Guimarães, Maria S. A.; Franchi, Eliane P. P.; Monteiro, Lorena D.; Alvim, Mariana C. T.	2024	Revista Paulista de Pediatria
17	Hanseníase em menores de 15 anos no estado do Tocantins, Brasil, 2001-2012: padrão epidemiológico e tendência temporal	Monteiro, Lorena D.; Mello, Francisco R. M.; Miranda, Thayza P.; Heukelbach, Jorg	2019	Revista Brasileira de Epidemiologia
18	Rheumatic and other musculoskeletal manifestations and autoantibodies in childhood and adolescent leprosy: significance and relevance	Chopra, Arvind	2014	Jornal de Pediatria
19	Musculoskeletal manifestations and autoantibodies in children and adolescents with leprosy	Neder, Luciana; Rondon, Daniel A.; Cury, Silvana S.; Silva, Clovis A.	2014	Jornal de Pediatria
20	Clinical use and control of the dispensing of thalidomide in Brasilia-Federal District, Brazil, from 2001 to 2012	Paumgartten, Francisco J. R.; Souza, Nair R. de	2013	Ciência & Saúde Coletiva
21	Maternidade e hanseníase: as vivências de separação devido ao isolamento compulsório	Almeida, Suellen S. L.; Savassi, Leonardo C. M.; Schall, Virgínia T.; Modena, Celina M.	2012	Estudos de Psicologia (Natal)

Fonte: Elaborado pelas autoras, (2025).

### Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa

Nº	Autores	Metodologia	Principais resultados	Conclusões
1	Sousa, Gutemberg S.; Mendonça, Isael M. S.; Morita, Lia H. M.; Cortela, Denise C. B.; Silva, Pâmela R. de S.; Ferreira, Silvana M. B. 2024	Validação de instrumento de cuidado	Avaliou instrumento para cuidado da hanseníase em crianças/adolescentes	Instrumentos específicos são essenciais para qualificar o cuidado

2	Sousa, Gutemberg S.; Cardoso, Jaqueline M. S.; Cortela, Denise C. B.; Lanza, Fernanda M.; Silva, Pâmela R. de S.; Ferreira, Silvana M. B. 2023	Avaliação da atenção primária à saúde	Identificou fragilidades nos atributos da atenção primária	Necessidade de ampliar acessibilidade e continuidade do cuidado
3	Silva, Francisca J. L. de A.; Aquino, Dorlene M. C. de; Monteiro, Estela M. L. M.; Coutinho, Nair P. S.; Corrêa, Rita G. C. F.; Paiva, Maria de F. L. 2022.	Perfil clínico e sociodemográfico	Perfil clínico e sociodemográfico de crianças/adolescentes vulneráveis	Educação em saúde é essencial para combater estigma
4	Vieira, Michelle C. A.; Teixeira, Maria G. L. C.; Silva, Luís A. V.; Mistura, Claudelí; Sarmiento, Sued S.; Mascarenhas, Aline A. 2022.	Estudo qualitativo sobre repercussões sociais	Estigma e discriminação afetam vida cotidiana e adesão	Suporte psicossocial é fundamental
5	Rodrigues, Thaísa S. V.; Gomes, Luciane C.; Cortela, Denise C. B.; Silva, Eliane A.; Silva, Cristiane A. L.; Ferreira, Silvana M. B. 2020.	Fatores associados à hanseníase em contatos infantis. Estudo descritivo	Contato domiciliar é fator de risco para hanseníase	Monitoramento precoce reduz novos casos
6	Oliveira, Joana D. C. P.; Marinus, Maria W. de L. C.; Monteiro, Estela M. L. M. 2020.	Discurso de profissionais de saúde. Estudo qualitativo.	Práticas fragmentadas no cuidado	Abordagem multidisciplinar e capacitação são necessárias
7	Freitas, Bruna H. B. M. de; Silva, Fabiane B. e; Jesus, Jéssica M. F.; Alencastro, Maria A. B. 2019.	Revisão integrativa sobre práticas educativas	Educação contribui para detecção precoce	Educação em saúde é uma boa ferramenta
8	Feitosa, Mariana C. da R.; Stelko-Pereira, Ana C.; Matos, Karla J. N. 2019.	Validação de tecnologia educativa	Tecnologia aumentou conhecimento e reduziu estigma	Intervenções educativas inovadoras são eficazes
9	Marinho, Fabiana D.; Avellar, Luziane Z.; Souza, Luiz G. S.; Nardi, Susilene M. T.; Coutinho, Gilma C. 2018.	Estudo qualitativo sobre experiências familiares	Experiências emocionais e sociais negativas	Suporte familiar e psicológico é central
10	Schneider, Priscila B. F.; Freitas, Bruna H. B. M. 2018.	Estudo epidemiológico	Concentração de casos em Norte e Nordeste	Estratégias de controle devem ser regionais
11	Freitas, Bruna H. B. M.; Xavier, Diego R.; Cortela, Denise C. B.; Ferreira, Silvana M. B. 2018.	Estudo epidemiológico	Alta carga da doença em municípios	Necessidade de políticas públicas específicas
12	Soares, Jacqueline E. F.; Soares, Nathália L. da S.; Freitas, Bruna H. B. M.; Bortolini, Juliano. 2018.	Validação de instrumento	Avaliou conhecimento de adolescentes sobre hanseníase	Ferramenta útil para estratégias educacionais
13	Freitas, Bruna H. B. M.; Cortela, Denise C. B.; Ferreira, Silvana M. B. 2017.	Análise temporal da doença	Tendência de redução, mas risco de diagnóstico tardio.	Acompanhamento contínuo é necessário
14	Imbiriba, Elsia B.; Hurtado-Guerrero, José C.; Garnelo, Luiza; Levino,	Estudo epidemiológico	Perfil da doença em menores de 15 anos	Diagnóstico precoce reduz complicações

	Antônio; Cunha, Maria da G.; Pedrosa, Valderiza. 2008.			
15	Ponte, Keila M. de A.; Ximenes Neto, Francisco R. G. 2005.	Estudo de caso / experiência adolescente	Impacto psicológico, social e escolar	Apoio emocional e familiar é insuficiente
16	Costa, Ricardo M.; Menezes, Marcela S.; Guimarães, Maria S. A.; Franchi, Eliane P. P.; Monteiro, Lorena D.; Alvim, Mariana C. T. 2024.	Estudo epidemiológico	Altas taxas em município hiperendêmico	Urgência em fortalecer prevenção e tratamento
17	Monteiro, Lorena D.; Mello, Francisco R. M.; Miranda, Thayza P.; Heukelbach, Jorg. 2019.	Estudo de tendência epidemiológica	Casos expressivos no Tocantins	Educação e conscientização são estratégias-chave
18	Chopra, Arvind. 2014.	Revisão da literatura	Demonstração da associação entre manifestações musculoesqueléticas e disfunção nervosa em pacientes pediátricos com hanseníase.	Exigem melhores práticas de diagnóstico, incluindo o uso de histopatologia da pele e novos testes sorológicos, para melhorar a detecção precoce e o tratamento.
19	Neder, Luciana; Rondon, Daniel A.; Cury, Silvana S.; Silva, Clovis A. 2014.	Avaliação clínica de manifestações musculoesqueléticas	Deformidades musculoesqueléticas em crianças	Diagnóstico precoce previne sequelas físicas
20	Paumgartten, Francisco J. R.; Souza, Nair R. de. 2013.	Avaliação de política de medicamento	Uso da talidomida em hanseníase grave.	Necessidade de controle rigoroso do medicamento
21	Almeida, Suellen S. L.; Savassi, Leonardo C. M.; Schall, Virgínia T.; Modena, Celina M. 2012.	Estudo qualitativo sobre o impacto do isolamento compulsório	Separação mãe-filho gera sofrimento e estigma	Suporte psicológico e social é urgente

Fonte: Elaborado pelas autoras, (2025).

O estigma permanece como um elemento estruturante na experiência de crianças e adolescentes com hanseníase, atravessando todas as dimensões do cuidado integral e moldando de maneira profunda as vivências individuais, familiares e comunitárias. Conforme aponta Goffman (1986), o estigma não se configura apenas como uma característica individual, mas como uma construção social capaz de deteriorar a identidade e comprometer a interação do indivíduo com a sociedade, criando barreiras invisíveis que influenciam cada etapa do cuidado. Na detecção precoce e no diagnóstico, o preconceito social emerge como um obstáculo significativo, retardando a procura por atendimento e dificultando o rastreamento de contatos, uma vez que famílias e crianças frequentemente ocultam sinais da doença por temor à discriminação (Marinho *et al.*, 2018; Vieira *et al.*, 2022). Dessa forma, o estigma atua não apenas sobre a percepção social da doença, mas sobre a própria eficácia das estratégias de detecção e intervenção.

Neste contexto, a educação em saúde transcende seu papel informativo, configurando-se como instrumento transformador capaz de mitigar o estigma, ao promover compreensão, empatia e engajamento das crianças e adolescentes, além de fortalecer a conscientização coletiva sobre a doença (Freitas *et al.*, 2019; Feitosa *et al.*,

2019). A integração de abordagens educativas com suporte psicossocial permite criar ambientes que favorecem a adesão ao cuidado e contribuem para a construção de identidades mais resilientes frente à discriminação. No âmbito do tratamento e acompanhamento multidisciplinar, o estigma impacta diretamente a participação em consultas e a adesão terapêutica, reforçando a necessidade de práticas clínicas que reconheçam e enfrentem as dimensões emocionais e sociais da hanseníase.

A interpretação de dados epidemiológicos e de vigilância também requer uma lente sensível ao estigma, dado que a subnotificação e a ocultação de casos refletem não apenas limitações do sistema de saúde, mas construções sociais de medo e exclusão (Costa *et al.*, 2024; Rodrigues *et al.*, 2020). De forma mais ampla, o estigma permeia todas as barreiras do cuidado integral, influenciando políticas institucionais, como o isolamento compulsório, que reforçam práticas de segregação social e ampliam o sofrimento psicológico de crianças, adolescentes e suas famílias (Almeida *et al.*, 2012).

Portanto, o estigma não deve ser compreendido como efeito colateral ou consequência marginal da hanseníase, mas como determinante central capaz de modular desde a detecção precoce até a educação em saúde, o tratamento e a vivência social dos indivíduos afetados. Reconhecer esta dimensão é crucial para o desenvolvimento de estratégias de cuidado integral que integrem políticas inclusivas, educação sensível, suporte psicossocial e campanhas de conscientização, capazes de reduzir o medo, a vergonha e a discriminação, promovendo não apenas o controle da doença, mas também a dignidade e a participação social plena de crianças e adolescentes acometidos pela hanseníase.

À luz desses achados, os artigos incluídos nesta revisão podem ser organizados em cinco eixos temáticos principais: (i) detecção precoce e diagnóstico na atenção básica, (ii) educação em saúde e prevenção, (iii) tratamento e acompanhamento multidisciplinar, (iv) monitoramento epidemiológico e vigilância e (v) barreiras e desafios no cuidado integral. Cada eixo reflete dimensões críticas do cuidado e evidencia como o estigma atua transversalmente, influenciando não apenas os processos clínicos e educativos, mas também as experiências sociais e emocionais das crianças e adolescentes afetados.

### **1. Detecção precoce e diagnóstico na atenção básica**

Os estudos incluídos na categoria detecção precoce e diagnóstico na atenção básica evidenciam a importância de estratégias sistemáticas para identificar a hanseníase em crianças e adolescentes de forma precoce, visando reduzir a transmissão e prevenir complicações. Sousa *et al.* (2024) validaram um instrumento específico para avaliar o cuidado de crianças e adolescentes com hanseníase, demonstrando que ferramentas padronizadas podem aprimorar a capacidade dos profissionais de saúde em identificar precocemente sinais da doença. De forma complementar, Sousa *et al.* (2023) analisaram os atributos essenciais e derivados da atenção primária na atenção a crianças e adolescentes com hanseníase, destacando que o fortalecimento da atenção básica é fundamental para promover diagnósticos rápidos e adequados, garantindo cuidado integral. Rodrigues *et al.* (2020) investigaram os fatores associados à hanseníase em crianças contactantes de casos notificados, evidenciando que a identificação de contatos e o rastreamento ativo são estratégias cruciais para detecção precoce, principalmente em regiões endêmicas.

Oliveira *et al.* (2020) exploraram o discurso de profissionais de saúde sobre práticas no cuidado a crianças e adolescentes, revelando desafios, como falta de capacitação e recursos, mas também apontando caminhos para intervenções mais efetivas no contexto da atenção básica. Por fim, Costa *et al.* (2024) apresentaram dados

epidemiológicos de crianças em um município hiperendêmico, reforçando que a vigilância local e o diagnóstico precoce são essenciais para controlar a transmissão da doença em áreas de alta endemicidade.

Em conjunto, esses estudos evidenciam que a detecção precoce e o diagnóstico na atenção básica não apenas permitem tratamento oportuno, mas também são pilares estratégicos para a redução da transmissão e prevenção de sequelas, destacando a importância de políticas de saúde que integrem rastreamento ativo, capacitação profissional e instrumentos padronizados para melhorar o cuidado em crianças e adolescentes com hanseníase.

## **2. Educação em saúde e prevenção**

A categoria educação em saúde e prevenção destaca como intervenções educativas podem aumentar a compreensão da doença entre crianças e adolescentes, reduzindo estigmas e promovendo comportamentos preventivos. Freitas *et al.* (2019) realizaram uma revisão integrativa sobre práticas educativas com adolescentes, mostrando que ações estruturadas de ensino aumentam o conhecimento sobre a hanseníase e sua prevenção. Feitosa *et al.* (2019) validaram tecnologia educacional brasileira para disseminar conhecimento sobre a doença, demonstrando eficácia na aprendizagem e engajamento dos adolescentes. Soares *et al.* (2018) validaram um instrumento para avaliar o conhecimento de adolescentes sobre hanseníase, evidenciando que a mensuração do aprendizado é essencial para ajustar programas educativos e garantir que o conteúdo seja assimilado de forma adequada.

Esses estudos indicam que a educação em saúde é um componente estratégico, não apenas para o conhecimento, mas também para fortalecer a detecção precoce e promover autocuidado, contribuindo para o controle da doença na população jovem.

## **3. Tratamento e acompanhamento multidisciplinar**

Nesta categoria, os estudos enfatizam a complexidade do tratamento e a necessidade de acompanhamento multidisciplinar para prevenir complicações e tratar efeitos adversos. Bucarechi *et al.* (2004) descreveram um caso de síndrome de hipersensibilidade à dapsona em adolescente, destacando a importância do monitoramento cuidadoso durante o tratamento. Chopra (2014) e Neder *et al.* (2014) investigaram manifestações musculoesqueléticas e autoanticorpos em crianças e adolescentes, evidenciando que o acompanhamento clínico deve envolver diversas especialidades, como pediatria, reumatologia e enfermagem. Paumgarten & Souza (2013) abordaram o uso clínico e o controle do fornecimento de talidomida, enfatizando a necessidade de protocolos rigorosos e supervisão médica.

Esses estudos mostram que o tratamento da hanseníase em crianças e adolescentes exige cuidado integral, protocolos claros e acompanhamento multidisciplinar, garantindo eficácia terapêutica e segurança.

## **4. Monitoramento epidemiológico e vigilância**

Os estudos dessa categoria reforçam o papel da vigilância epidemiológica para compreender a distribuição da doença e orientar políticas públicas. Silva *et al.* (2022) caracterizaram os casos em um município hiperendêmico, evidenciando padrões clínicos e sociodemográficos. Schneider & Freitas (2018), Freitas *et al.* (2018, 2017), Imbiriba *et al.* (2008) e Monteiro *et al.* (2019) analisaram tendências históricas e locais de hanseníase em menores de 15 anos, permitindo identificar áreas de maior risco, avaliar o impacto de intervenções e guiar ações estratégicas. Estes estudos demonstram que o

monitoramento epidemiológico contínuo é fundamental para detectar mudanças no padrão da doença, identificar municípios prioritários e orientar intervenções preventivas e terapêuticas.

## 5. Barreiras e desafios no cuidado integral

Nesta categoria, os estudos abordam os desafios enfrentados por crianças, adolescentes e famílias no contexto da hanseníase. Vieira *et al.* (2022) relataram repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com a doença, evidenciando impacto emocional e social. Marinho *et al.* (2018) exploraram experiências e significados da hanseníase entre adolescentes e familiares, mostrando o peso do estigma e da discriminação. Ponte & Neto (2005) descreveram a realidade do adolescente com hanseníase, destacando barreiras de acesso e percepção social. Almeida *et al.* (2012) analisaram experiências de mães separadas de seus filhos devido ao isolamento compulsório, revelando impactos psicossociais profundos.

Esses estudos indicam que, além do cuidado clínico, é fundamental abordar fatores psicossociais, estigmas e barreiras estruturais, garantindo atenção integral à criança e ao adolescente. A análise dos estudos incluídos evidencia que a hanseníase em crianças e adolescentes não deve ser compreendida apenas como um desafio clínico individual, mas como um fenômeno complexo que demanda abordagens estruturadas de Saúde Coletiva. A detecção precoce e o diagnóstico tardio, influenciados pelo estigma, destacam a necessidade de estratégias de vigilância, rastreamento de contatos e busca ativa de casos, que são pilares da atenção primária e da Saúde Coletiva, garantindo intervenção oportuna e prevenção da transmissão (Sousa *et al.*, 2023; Costa *et al.*, 2024).

As iniciativas de educação em saúde, por sua vez, não apenas informam sobre sinais, sintomas e tratamento da doença, mas também atuam na redução do preconceito e na promoção de cidadania e direitos à saúde, reforçando a importância de programas comunitários e escolares, típicos da perspectiva de Saúde Coletiva (Freitas *et al.*, 2019; Feitosa *et al.*, 2019).

O acompanhamento multidisciplinar, integrado por profissionais de saúde, psicólogos e assistentes sociais, demonstra que o cuidado integral vai além da clínica, incorporando ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, todos princípios centrais da Saúde Coletiva, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e risco de exclusão (Oliveira *et al.*, 2020; Rodrigues *et al.*, 2020).

Por fim, o monitoramento epidemiológico e a vigilância sanitária, interpretados à luz do estigma e da subnotificação, reforçam a dimensão coletiva da hanseníase, evidenciando que políticas públicas, planejamento territorial e ações intersetoriais são essenciais para enfrentar a doença de forma eficaz e justa (Almeida *et al.*, 2012; Vieira *et al.*, 2022).

Assim, os achados desta revisão reafirmam que a hanseníase em crianças e adolescentes não é apenas um desafio médico, mas um problema de saúde pública, cuja abordagem exige integração entre atenção primária, políticas sociais e estratégias comunitárias, promovendo não apenas o controle epidemiológico, mas também a equidade, a dignidade e a participação social plena dos indivíduos afetados.

Portanto, esta revisão contribui ao consolidar evidências que evidenciam a necessidade de superar a fragmentação entre cuidado clínico e cuidado social no enfrentamento da hanseníase em crianças e adolescentes. Os achados desta revisão podem ser articulados em cinco eixos temáticos interconectados: (i) detecção precoce e diagnóstico na atenção básica, destacando a importância de estratégias de vigilância e rastreamento sensíveis ao estigma; (ii) educação em saúde e prevenção, como instrumento de promoção da compreensão, empatia e engajamento comunitário; (iii)

tratamento e acompanhamento multidisciplinar, enfatizando o cuidado integral que incorpora dimensões clínicas, psicossociais e educativas; (iv) monitoramento epidemiológico e vigilância, fundamentais para orientar políticas públicas e identificar subnotificação decorrente do medo da discriminação; e (v) barreiras e desafios no cuidado integral, que evidenciam as fragilidades estruturais da atenção primária e a necessidade de políticas inclusivas e sensíveis ao contexto social.

A originalidade desta revisão reside em ressaltar como o estigma atua transversalmente, influenciando desde a procura por diagnóstico até a adesão ao tratamento e a vivência social das crianças e adolescentes, apontando caminhos para políticas públicas mais humanizadas, equitativas e eficazes, que integrem atenção clínica, educação, suporte psicossocial e participação comunitária.

## 5. Conclusão

Este estudo reuniu e analisou evidências sobre a hanseníase em crianças e adolescentes, destacando suas repercussões físicas, psicológicas e sociais, bem como os desafios enfrentados pela atenção básica para a implementação de um cuidado integral. A análise evidencia que a atenção a essa população exige uma abordagem multifacetada, articulando detecção precoce, educação em saúde, acompanhamento multidisciplinar, monitoramento epidemiológico contínuo e atenção às barreiras psicossociais. Estratégias integradas, adaptadas às especificidades locais e sensíveis ao contexto social, são essenciais não apenas para reduzir a transmissão e prevenir sequelas, mas também para promover o bem-estar físico, emocional e social das crianças e adolescentes acometidos pela doença.

A persistência de casos em menores de 15 anos revela lacunas estruturais na vigilância epidemiológica e na atenção primária, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. O diagnóstico tardio permanece como um entrave crítico, com impacto direto na prevenção de sequelas e no aumento do sofrimento emocional. Nesse cenário, a educação em saúde e a atuação multiprofissional se destacam como estratégias centrais, capazes de engajar comunidades, fortalecer a adesão ao cuidado e reduzir o estigma que ainda permeia a hanseníase.

Apesar dos avanços, permanecem lacunas importantes na literatura e na prática: há necessidade de pesquisas que considerem dimensões culturais, históricas e sociais, bem como de políticas e intervenções que integrem atenção clínica, suporte psicossocial, educação e inclusão social de forma efetiva. Experiências exitosas indicam que a implementação de boas práticas sistematizadas, adaptadas às realidades locais, pode servir como modelo para fortalecer a atenção integral à população jovem, oferecendo caminhos replicáveis para outras regiões e contextos.

A perspectiva da Saúde Coletiva oferece um quadro interpretativo privilegiado, ao considerar os determinantes sociais da saúde e propor ações capazes de transformar condições estruturais de vulnerabilidade. Reconhecer a hanseníase como fenômeno que transcende o campo biomédico permite compreender que o cuidado integral deve englobar não apenas o tratamento clínico, mas também suporte psicossocial, educação em saúde, estratégias de redução do estigma e inclusão social, promovendo dignidade, cidadania e participação social plena.

Em síntese, a superação da hanseníase em crianças e adolescentes exige um movimento interdisciplinar e intersetorial, integrando saúde, educação e assistência social em um projeto de cuidado mais humano, justo e equitativo. Essa perspectiva, alinhada aos princípios da Saúde Coletiva, reforça a necessidade de políticas e práticas que transcendam a clínica, enfrentem as barreiras sociais e construam um sistema de saúde sensível às necessidades de populações historicamente vulneráveis, promovendo

não apenas o controle da doença, mas também a inclusão e a valorização plena das crianças e adolescentes afetados.

## 6. Referências

- ALMEIDA, Suellen Santos Lima de et al. Maternidade e hanseníase: as vivências de separação devido ao isolamento compulsório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 17, n. 2, p. 275–282, 2012.
- BUCARETCHI, Fábio Vicente et al. Dapsone hypersensitivity syndrome in an adolescent during treatment of leprosy. *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 331–334, 2004.
- CHOPRA, Arvind. Rheumatic and other musculoskeletal manifestations and autoantibodies in childhood and adolescent leprosy: significance and relevance. *J Pediatr (Rio J)* [Internet]. 2014. Available from: Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2014.06.003> Acesso em: 21 ago. 2025.
- COSTA, Ricardo Milhomem et al. Leprosy in children under fifteen years of age in the most hyperendemic municipality in Brazil. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 42, e2023022, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2024/42/2023022>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- FEITOSA, Maria Cláudia da Rocha; STELKOPEREIRA, Ana Carina; MATOS, Karla Julianne Negreiros de. Validation of Brazilian educational technology for disseminating knowledge on leprosy to adolescents. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 72, n. 5, p. 1333 – 1340, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0610>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins de et al. Trend of leprosy in individuals under the age of 15 in Mato Grosso (Brazil), 2001–2013. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 51, p. 28, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006884>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins de et al. Hanseníase em menores de quinze anos em municípios prioritários, Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 21, e180016, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180016>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins de et al. Leprosy educational practices with adolescents: an integrative literature review. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 72, n. 5, p. 1397–1404, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0458>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Digitalização, 2004. Publicação original de 1963.
- IMBIRIBA, Elsia Belo Hurtado Guerrero et al. Perfil epidemiológico da hanseníase em menores de quinze anos de idade, Manaus (AM), 19982005. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 1021–1026, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008005000067>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- MARINHO, Fabiana Drumond et al. Leprosy: meanings and experiences among adolescents with the disease and their family members. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 26, n. 4, p. 837–848, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoA01251>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- MENDES, K. D. S. et al. O método da revisão integrativa nas pesquisas em enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

- MONTEIRO, Lorena Dias et al. Hanseníase em menores de 15 anos no estado do Tocantins, Brasil, 20012012: padrão epidemiológico e tendência temporal. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 22, e190047, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190047>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- NEDER, Luciana Rondon et al. Musculoskeletal manifestations and autoantibodies in children and adolescents with leprosy. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 90, n. 5, p. 457–463, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2014.01.007>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- OLIVEIRA, Joana D'arc Conceição Pinheiro de et al. Practices in the healthcare of children and adolescents with leprosy: the discourse of professionals. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 41, e20190412, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190412>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- PAUMGARTTEN, Francisco José Roma; SOUZA, Nair Ramos de. Clinical use and control of the dispensing of thalidomide in Brasília Distrito Federal, Brazil, from 2001 to 2012. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3401–3408, 2013.
- PONTE, Keila Maria de Azevedo; XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães. Hanseníase: a realidade do ser adolescente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 58, n. 3, p. 296–301, 2005.
- RODRIGUES, Thaísa S. V. et al. Factors associated with leprosy in children contacts of notified adults in an endemic region of Midwest Brazil. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 96, n. 5, p. 593 – 599, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2019.04.004>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- SCHNEIDER, Priscila Barros; FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins de. Tendência da hanseníase em menores de 15 anos no Brasil, 20012016. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00101817, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00101817>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- SILVA, Francisca Jade Lima de Andrade et al. Hanseníase em menores de 15 anos: caracterização sociodemográfica e clínica dos casos em um município hiperendêmico. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 27, e82221, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.82221>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- SOARES, Jacqueline Evelyn Figueiredo et al. Validação de instrumento para avaliação do conhecimento de adolescentes sobre hanseníase. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 480–488, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201800068>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- SOUZA, Gutemberg Santos de et al. Primary health care essential and derivative attributes in children and adolescents with leprosy. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 32, e20230081, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2023-0081en>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- SOUZA, Gutemberg Santos de et al. Validation of an instrument for assessing leprosy care in children and adolescents. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 77, n. 2, e20230344, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0344>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- SOUZA, M. T.; SILVA, M. D. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? how to do it? *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>
- VIEIRA, Michelle Christini Araújo et al. Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. spe6, p. 124 – 134, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022e611>. Acesso em: 21 ago. 2025.